



GT 066. Visualidades Indígenas

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF) -
Coordenador/a, Edgar Teodoro da Cunha (UNESP)
- Coordenador/a

O GT visa reunir pesquisas recentes que analisem as produções audiovisuais feitas por povos indígenas ou sobre eles. O escopo das investigações a serem apresentadas deve agregar reflexões sobre as concepções de imagem do ponto de vista das cosmologias de distintos povos indígenas, mas também reflexões sobre a apropriação das técnicas de produção de imagens, análises de processos de socialização da linguagem do cinema e do vídeo por meio de oficinas e seus paradoxos e experiências correlatas. O objetivo das sessões será analisar as novas visualidades que se colocam para dentro e para fora dos grupos indígenas, o protagonismo dos jovens indígenas na produção de discursos audiovisuais a partir das lógicas culturais; relações entre imagem e xamanismo; circulação de pontos de vista indígena e sua recepção acadêmica, apropriação do audiovisual em processos de transmissão de conhecimento, seus limites e possibilidades. Os temas gerais que serão acolhidos no GT tratam de comunicação intercultural, relações entre imagem e política, questões de autoria, tecnologias nativas do tornar visível, jovens indígenas e apropriação das técnicas do vídeo, transmissão oral e o audiovisual.

O contorno do corpo: pesquisa sobre os desenhos figurativos Kayapó-Xikrin do acervo Lux Vidal

Autoria: Mariana Floria Baumgaertner

Essa iniciação científica tem por objetivo pesquisar e documentar cerca de 360 desenhos figurativos, coletados pela antropóloga Lux Vidal em sua pesquisa entre os Kayapó-Xikrin, de 1969 a 1992. Essa coleção encontra-se hoje no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA), do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, e integra o acervo Lux Vidal, de fotografias e desenhos. Os desenhos figurativos pesquisados retratam, em sua maioria, pessoas, animais, seres mitológicos, acontecimentos do cotidiano, rituais, acontecimentos passados e visões do velho xamã Nhiakrekampin, que nunca havia desenhado até entrar em contato com Lux Vidal. Minha proposta é organizar esse material e pesquisar o contexto de produção dos desenhos, como eles estão inseridos em uma certa estética xikrin e como se relacionam os outros suportes visuais da mesma coleção: as fotografias e as pranchas de desenhos de pintura corporal, também coletadas em campo pela pesquisadora. Para tanto, é necessário discutir as noções de beleza, corpo e imagem, relacionando-as ao contexto dos acervos institucionais e à produção da própria antropóloga. O desenho, como um registro imagético distinto do texto, compartilha de muitas questões discutidas pela Antropologia Visual, ainda que não tenha participado (como o filme e a fotografia) do mesmo processo de institucionalização enquanto campo conceitual antropológico. Assim, essa pesquisa pretende contribuir para inserir o desenho nos estudos da imagem, buscando convergências e divergências entre os diferentes registros visuais. Se considerarmos que tanto o desenho quanto a Antropologia representam um modo de ver e conhecer o mundo, essa afinidade torna imprescindível o diálogo entre esses dois universos. Outro aspecto importante para entender esse tipo de visualidade xikrin é a relação entre a pintura corporal (presente nas fotografias e nas pranchas de desenho de pintura corporal, tarefa essencialmente feminina entre os Kayapó-Xikrin) e as representações (dos desenhos figurativos), executadas pelo xamã (figura masculina). Os desenhos produzidos pelas mulheres são sempre orientados por um repertório estético muito bem definido, que diz respeito ao corpo. Já os homens, ao contrário, não têm um padrão de referência estabelecido, estando livres para produzir uma grande variedade de formas, figurativas e abstratas, todas realizáveis -- ainda que orientadas socialmente. Assim, essa é uma pesquisa que dialoga com autores como a própria Lux Vidal, Peter Gow, Tim Ingold, Alfred Gell, César Gordon, Karina Kuschnir, Els Lagrou, Lucia Hussak



van Velthem, Sylvia Caiuby, Aina Azevedo e outros. Por ser uma pesquisa em fase inicial, novos resultados poderão ser apresentados nos próximos meses.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**